

Programa de Pós-Graduação

Área de Filosofia

FLF5343 História da Filosofia Contemporânea (Kant na Filosofia Francesa dos Anos 60: da Crítica da Fenomenologia ao Pós-Estruturalismo)

1º Semestre de 2025

Professor Pedro Paulo Pimenta

Créditos: 8

Duração: 12 semanas

I - Objetivos:

Em uma quadra como a atual, em que se insiste cada vez mais e com veemência crescente numa clivagem entre a filosofia e a sua história, entre o pensamento autêntico e a explicação de texto, com o corolário da obsolência deste último exercício, desqualificado como “escolar”, convém lembrar, mais uma vez, o que não parece mais tão óbvio: toda doutrina ou sistema filosófico tem por definição uma dimensão sincrônica. Com isso, não se trata apenas de equalizar as doutrinas em um espaço atemporal e submetê-las ao crivo de uma “tecnologia dos sistemas” que permita ao analista explicá-los em suas travações internas a uma distância segura e em posição de neutralidade (embora isso seja possível, e tenha seu interesse). Mas a sincronicidade tem outras implicações. Em 1966, com *As palavras e as coisas*, Kant se torna de súbito, antes mesmo de sua reabilitação frankfurtiana, um autor contemporâneo. Quando Foucault o introduz no centro da cena de sua “arqueologia”, é com a intenção de relativizar a novidade e o mérito da fenomenologia husserliana. O gesto é ousado, e, convenhamos, arriscado – o que exige a avaliação crítica do seu êxito. Em todo caso, é iluminador. Foucault toma a filosofia transcendental (kantiana) como ponto de rearticulação do saber filosófico moderno, que deixa para trás as injunções da “idade clássica” e nos projeta de súbito, violentamente, na “idade da história” – com a qual as “ciências humanas” vêm romper, na passagem do século XIX para o XX. Com Kant, o cogito se torna obsoleto, a experiência é uma construção, e a vida, uma significação. Mas esse reposicionamento estratégico de Kant, em ruptura com o Grande Racionalismo, desvinculado tanto do Idealismo quanto do Romantismo, Foucault não relega o filósofo ao passado, à época histórica que foi a sua. Ao contrário. Como mostra Foucault, foi precisamente por ter se elevado à altura de sua época e problematizado esse movimento que a filosofia crítica se manteve atual, não caducou. É o que mostram por

exemplo, os etnólogos. Pensamos aqui nas páginas de *O pensamento selvagem* (1962) ou ainda na “Abertura” do volume 1 das *Mitológicas* (1964). Kant, um antihumanista? E por que não? Mais do que isso, como mostra Lebrun em *Kant e o fim da metafísica* (1970), Kant é um forte aliado no embate contra a dialética e suas derivações: o sentido da história, a escatologia etc. Redigidos em sucessão, os livros de Foucault e Lebrun têm aportes diferentes, mas têm em comum uma profunda desconfiança em relação à viabilidade da metafísica como saber filosófico e ao valor de algo como uma ontologia da experiência. Kant genealógico? Mais uma vez, por que não? Lendo as *Lições de Lyotard sobre a analítica do sublime*, publicadas vinte anos mais tarde, damos-nos conta do impacto filosófico da categorização proposta por Lebrun. Já no século XXI, com Rancière, percebemos que essa categorização, embora necessária, não esgota as questões levantadas pela leitura da *Crítica do Juízo*: é preciso pensar com Kant, mais uma vez, como se dá, na obra de arte, a emancipação do espectador e a liberação do prazer em relação à teleologia. Detendo-se nesses autores, o curso propõe uma questão mais ampla, que diz respeito ao tempo presente: de onde vem a persistência da metafísica e o desejo de tê-la como um saber especial? Uma eventual resposta a essa indagação passaria, é claro, pela reflexão sobre a viabilidade e o estatuto do “discurso filosófico”.

II - Conteúdo:

1. A advento do transcendental e a ruptura com o cogito
2. Analítica e radicalização da finitude
3. Reflexão e sistema, ou uma genealogia das significações
4. O horizonte biológico e o enraizamento das representações
5. Interioridade e experiência psicológica: o “eu” provisório
6. A “estética” para além da ideologia, ou o prazer sem direção

III - Forma de Avaliação:

Apresentação de seminário ou redação de dissertação.

IV – Bibliografia

Canguilhem, G. - *La connaissance de la vie*. 2a ed. Paris: PUF, 1965.

- « Mort de l’homme ou épuisement du cogito ? », Critique, 242, julho de 1966.

Derrida, J. - La voix et le phénomène. Introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl. Paris: PUF, 1967.

Foucault, M. - Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines. Paris: Gallimard, 1966. [As palavras e as coisas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1989.]

- Le discours philosophique. Éd. François Ewald et al. Paris: Gallimard/Seuil, 2023.

Lebrun, G. - Kant et la fin de la métaphysique. Essai sur la Critique de la faculté de juger. Paris: Armand Colin, 1970. [Kant e o fim da metafísica. Trad. Carlos Alberto de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1992.]

- “Note sur la phénoménologie dans Les mots et les choses”, in: Michel Foucault philosophe. Paris: Seuil, 1989.

Lyotard, J.-F. - Leçons sur l’analytique du sublime. Paris: Galilée, 1991.

- L’Inhumain. Causeries sur le temps (1992). Paris: Klincksieck, 2014.

Moura, C. A. R. - Crítica da razão na fenomenologia (1989). 2a ed. São Paulo: Unesp, 2022.

Rancière, J. - Malaise dans l’esthétique. Paris: Galilée, 2004. [Mal-estar na estética. Trad. Gustavo Chatagnier e Pedro Hussak. São Paulo: Editora 34, 2023.]

- Les Voyages de l’art. Paris: Seuil, 2023.

V – Observações

Obs. O curso não trabalhará com comentadores. Outras referências serão apontadas no decorrer das reuniões.